

DE VOLTA AO JOGO

***Roberto Rodrigues**

A chamada "guerra comercial" entre os Estados Unidos e a China - motivada por enormes interesses, tais como a disputa pela hegemonia comercial global - vinha produzindo um efeito colateral perigoso para os países emergentes: o neo-protecionismo começava a crescer principalmente entre os mais ricos, o que acabaria gerando menor acesso a mercados agrícolas, com consequências negativas imprevisíveis para os exportadores de alimentos.

O acordo entre a União Europeia e o Mercosul, sinalizado em 28 de junho passado, teve dois grandes impactos positivos para o Brasil e os demais membros do nosso bloco: por um lado, foi um torpedo contra esse protecionismo que se desenhava, dada a expressiva parcela da população e da economia abrangidas pelo acordo. Por outro lado, nos traz de volta ao grande jogo do comércio global do qual estávamos afastados desde que a ALCA (Área de Livre Comércio das Américas) foi abandonada em 2003. A falta de acordos bilaterais com países relevantes, a nossa ausência da TPP (Parceria Trans-Pacífico), e a trava da Rodada de Doha da OMC estavam nos deixando fora de programas estruturados de comércio, embora tenhamos crescido muito nas exportações, sobretudo para a China.

Portanto, o acordo UE/Mercosul nos coloca de fato numa nova e alvissareira condição de jogadores importantes no comércio mundial. Aliás, outros países já se manifestaram favoravelmente a maior aproximação conosco, como Estados Unidos e Japão. E também vamos caminhando em acordos com Canadá e Coreia do Sul.

Mas atenção: o jogo nem começou, só está anunciado. Ainda terá que ser aprovado pelos Parlamentos de todos os países dos dois blocos, o que pode levar uns 2 ou 3 anos. E depois teremos que negociar ponto por ponto o que vai acontecer com quotas, tarifas, barreiras não tarifárias e ter uma atenção especial com o chamado "princípio da precaução", pelo qual eventualmente alguns avanços podem ser negados.

Este é um jogo que só podemos ganhar ou ganhar, o que implica na montagem de um time vencedor, competente e persistente, com players públicos e privados trabalhando juntos pelo país e pelo bloco. E sabendo que boa parte da torcida é contra, como já se está observando pelas reações de produtores de alguns países europeus. Será fundamental trabalhar com o tema da promoção das nossas vantagens competitivas, com ênfase para a demonstração da sustentabilidade de nossa produção, o que significa inverter a atual equação de percepção e realidade, em que a primeira domina em função de erros de comunicação por parte de agentes do governo e por ausência do setor privado.

Há, portanto, uma gigantesca tarefa por realizar, em especial no que diz respeito à agropecuária. Esse setor responde sistematicamente, desde 2010, por mais de um terço do valor das nossas exportações. Respondemos por 95% do comércio mundial de suco de laranja, por 50% do complexo soja, 35% de carne de frango, 34% de açúcar, 30% de café (verde, torrado e solúvel), 17% de carne

bovina, 16% de milho, 11% de algodão, 6% de carne suína, 5% de animais vivos, 2% de cacau, rações e arroz, e apenas 1% ou menos em frutas (uvas, cítricas, bananas), chocolates, óleo de palma, cervejas. Podemos crescer muito em todos eles, mas somos responsáveis por medíocres 0,3% do comércio mundial de pescados e 0,2% de lácteos, sem falar em outros grãos, como amendoim, trigo, sorgo, gergelim, em que temos potencial. Falta pesquisa e programas para isso tudo, e o acordo exige este trabalho.

Mas não basta: teremos que abrir mais o nosso mercado. A União Europeia exportou no ano passado 168 bilhões de dólares de produtos agropecuários, mas importou 182 bi; os Estados Unidos exportaram 156 bi, mas importaram 165 bi; a própria China exportou 79 bilhões e importou 137. Enquanto isso, o Brasil exportou 85 bilhões de dólares e só importou 11. É insustentável, temos que flexibilizar nosso mercado. Mas por outro lado, temos que investir muito mais do que fazemos em inovação tecnológica, em gestão, em infraestrutura e em logística, para citar apenas alguns temas centrais.

Em suma, voltamos, sim, ao jogo. Mas para vencê-lo, e disso depende o desenvolvimento do Brasil e de nossos parceiros do Mercosul, há um longo caminho a percorrer. E já perdemos tempo demais.

*** Coordena o Centro de Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas, foi ministro da Agricultura e escreve neste espaço todo segundo domingo do mês.**